

ECOLOGIA COSMOCENA: uma perspectiva ontológica para Educação Ambiental, Movimentos Sociais e Políticas Governamentais.

Vilmar Alves Pereira¹

Eixo 17 – Educação Ambiental

Trabalho Encomendado

RESUMO:

Este texto tem a pretensão de propor ao campo dos Fundamentos da Educação Ambiental uma nova compreensão sobre as discussões no que se refere à relação humanidade-natureza. Reconhecendo o horizonte da era *Antropocena*, em que se avalia o impacto das atividades humanas como determinantes na alteração ecológica do planeta, sugerimos uma Ecologia que denominamos *Cosmocena* – não enquanto uma era, mas enquanto uma necessidade hermenêutica de reposicionarmos a referida relação. Trata-se de um estudo de inspiração em leituras da Hermenêutica (Gadamer, 2002); Física Quântica e Ecologia (Capra, 2006; 2011); Pensamento Pós-Metafísico (Habermas, 2002; Leff, 2006); Astrofísica e Filosofia – Inteligência Espiritual (Zohar; Marshall, 2012); Ecologia e Ética (Boff, 2012); Ambientalismo e Medicina (Lovelock, 2010), e Biodiversidade (Wilson, 2008). Esses referenciais nos indicam a possibilidade de uma ecologia com maior sintonia entre a natureza e a humanidade, redefinindo olhares, vivências e aprendizagens com o *cosmos*.

Palavras-chave: Antropocena. Ecologia. Cosmocena. Reposicionamento. Humano.

ABSTRACT

This text proposes to the field of Fundamentals of Environmental Education a new understanding of the discussions on man-nature relationship. Recognizing the horizon of an Anthropocene Era, in which the impact of human activities is evaluated as determining the ecological changes of the planet, we suggest an Ecology we call *Cosmocena* not as an era, but as a hermeneutical need to reposition this relation. This is a study under inspiration in the reading of Hermeneutics (Gadamer, 2002); Quantum Physics and Ecology (Capra, 2006); post-metaphysical thought (Habermas, 2002; Leff, 2006); Astrophysics and Philosophy – Spiritual Intelligence (Zohar; Marshall, 2012), Ecology and Ethics (Boff, 2012), Environmentalism and Medicine (Lovelock, 2010), and Biodiversity (Wilson, 2008). These references indicate the possibility of an ecology with greater harmony between nature and man redefining perspectives, experiences and lessons learned as from the cosmos.

Key words: Anthropocene. Ecology. Cosmocene. Repositioning. Human.

DO HORIZONTE DA DISCUSSÃO

Estudando a história de algumas civilizações ocidentais que demarcaram com sua presença suas identidades, temos nelas um traço comum no que concerne a questões ecológicas: uma profunda sintonia natureza-humanidade. Nesse sentido, vemos que as civilizações: grega pré-socrática (Europa), maia (América do Sul e Central), asteca (América Central), inca (América do Sul), guarani (América do Sul – Brasil), kaingang (América do Sul – Brasil), com sua pluralidade cultural e suas amplas dimensões transcendentais expressas

¹ Doutor em Educação; professor e pesquisador no Instituto de Educação e nos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/FURG) e Educação Ambiental (PPGEA/FURG) – Linha de Pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande; editor-chefe da *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental* (REMEA); Pró-reitor de Assuntos Estudantis da FURG. E-mail: vilmar1972@gmail.com

em suas crenças, não apenas habitaram ou ocuparam lugares no cosmos, mas viveram em profunda sintonia com ele: seus valores, saberes culturais, suas magias, suas formas de relação humanidade-mundo expressam *cosmovisões* que necessitam ser estudadas, aprendidas e praticadas. Nessa sintonia há inúmeros registros de uma *Ecologia Cosmocena*. Nela, é a humanidade que aprende com a natureza.

No momento em que a era *antropocena* denuncia talvez a forma mais selvagem de relação humanidade-natureza, com vestígios absurdos demonstrando o esgotamento dos paradigmas clássicos fundados numa perspectiva antropocêntrica; de desastre ecológico como o imensurável evento Mariana (MG); de denúncia do estado de exceção no Mato Grosso do Sul (MS) para o genocídio indígena em favor dos donos do agronegócio; tempos em que os conflitos socioambientais tomam proporções inimagináveis, com aparecimento de crianças mortas na praia em consequência do horror do radicalismo do estado islâmico, das guerras políticas e econômicas no Oriente e em outras partes do planeta; tempos em que vivenciamos no Brasil a ameaça e a perda cotidiana de garantia de direitos conquistados com muito esforço e luta como decorrência da insurreição de forças neoconservadoras tomando proporções danosas a jovem democracia brasileira tanto na aprovação de novas leis, quanto na extinção de inúmeras garantias sociais; período em que a racionalidade estratégica mostra sem disfarces todas as suas faces em busca do lucro e do poder. Cabe a nós outros pensarmos fundamentos de outra Educação Ambiental e, se me permitem, aqui proponho tratar de uma outra ecologia.

Ao estabelecermos discussões sobre a já constatada crise civilizatória (LEFF, 2006), crise de sentido (ZOHAR; MARSHALL, 2012), crise entre ciência e religião (WILSON, 2008) e, por decorrência, crise socioambiental (LOVELOCK, 2010; BOFF, 2012; LOUREIRO, 2004), vemos que o diagnóstico feito pelos autores reconhece tratar-se de uma crise de paradigma, em que o paradigma metafísico, que acreditou ser portador de sentido na busca dos fins últimos do homem, encontra-se agora desencantado, porque as essências por ele indicadas como verdades podem ser, e são, no contexto atual, relativizadas. Consideram tais autores que, não havendo mais esse berço de verdades e teleologias seguras, todos os conceitos pensados, que serviram de base para a metafísica, ao serem reavaliados, apresentam-nos diversas fragilidades como pode ser visto, por exemplo, nas leituras de Nietzsche e Adorno.

No entendimento de Habermas (1990, p. 43), essas fragilidades começam a ser percebidas já no interior da modernidade. Para o filósofo, o pensamento metafísico vigente até

Hegel está coadunado com esse pensamento da identidade, consumado por uma filosofia da consciência. No entanto, para Habermas, esse pensamento já é posto em questão pelo novo tipo de racionalidade metódica e pelas formas de experimentação que se impõem ainda no século XVII. Entende que outras fragilidades manifestam-se com a emergência das ciências histórico-hermenêuticas, que trazem em seu bojo novas reivindicações, principalmente a de que uma consciência histórica não admite mais aquelas dimensões de finitude tão bem desenvolvidas e apontadas pelo idealismo; outro fator importante, apontado por Habermas, é que a partir das práticas e dos processos de objetivação que se inserem inclusive nas formas de relacionamento, há o aparecimento e a necessidade de um deslocamento da filosofia da consciência para a filosofia da linguagem. E, por fim, Habermas destaca mais uma necessidade: a do agir comunicativo a partir dos contextos cotidianos negados pelo modelo metafísico.

Os fundamentos que se desestabilizam dizem respeito aos princípios epistemológicos, logocêntricos, pedagógicos, econômicos, culturais, políticos e ambientais que coroaram a modernidade como “novos tempos”, a partir dos quais seriam alcançados os grandes anseios da humanidade. É, na verdade, a crise de uma crença profunda em valores emancipatórios.

A partir dessa constatação, Habermas retoma as motivações da emergência do pensamento pós-metafísico, considerando: o esgotamento do paradigma da filosofia da consciência e a emergência da filosofia da linguagem como possibilidade de uma nova hermenêutica e de novos entendimentos sobre as temáticas postas em questão.

De acordo com Habermas, na racionalidade ocidental, quatro grandes movimentos sobreviveram: o platonismo, o aristotelismo, o racionalismo e o empirismo. Esses movimentos tangenciam a história da filosofia ocidental. Também entende que, na atualidade, presenciamos a influência de outros cinco grandes movimentos que fazem parte do debate filosófico com grandes contribuições: a fenomenologia e principalmente a filosofia analítica; a filosofia da ciência pós-empirista; o estruturalismo, e o marxismo ocidental.

Em estudo recente no campo de Fundamentos da Educação Ambiental², defendendo a tese de que “há vestígios de um profundo deslocamento no campo da Educação Ambiental e que esse deslocamento aponta muito mais para uma compreensão ontológica do que epistemológica na maneira como pensamos e sentimos a EA”, propomos apresentar o horizonte de uma Racionalidade Ambiental Pós-Metafísica. A importância dessa discussão

² PEREIRA, Vilmar Alves; EICHENBERGER, J. C. ; CLARO, L. C. A crise nos fundamentos da Educação Ambiental: motivações para um pensamento pós-metafísico. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 32, p. 177-205, 2015.

contribui no sentido de situarmos as vertentes das discussões que culminam na *Ecologia Cosmocena*.

Procurando demonstrar que o conceito de racionalidade que orienta a ciência moderna apresenta algumas limitações para o debate no campo dos Fundamentos da Educação Ambiental e conseqüentemente para buscarmos alternativas para a já referida crise, partimos do conceito Racionalidade Ambiental de Leff e pelo viés da filosofia procuramos uma definição de racionalidade no horizonte Pós-Metafísico. Entre tantos aspectos que caracterizam essa racionalidade, destacamos os seguintes contornos que a identificam:

- a) A dimensão plural da Educação Ambiental;
- b) A relevância dos contextos e da linguagem;
- c) Da mudança na relação sujeito-objeto;
- d) Mudança na relação entre teoria e prática;
- e) Da dimensão epistemológica para a ontológica da Educação Ambiental

DA CONCEPÇÃO DE ECOLOGIA COSMOCENA

Vejo a **Ecologia Cosmocena** como *uma alternativa viável para pensarmos as relações entre seres vivos e não-vivos no sentido de podermos garantir melhor qualidade de vida no planeta e, quem sabe, no universo. Ela nasce em meio a este cenário de desesperança e medo reforçado pela Era Antropocena e pelas conseqüentes crises: dos fundamentos da EA, do paradigma filosófico metafísico, da racionalidade ocidental e do sujeito, do esgotamento do sistema capitalista, da lógica do lucro e conseqüentemente da crise financeira, crise política, socioambiental e, fundamentalmente, da crise de sentido existencial-ontológico sobre o espaço e sentido humano no cosmos. Emerge também de uma profunda intuição hermenêutica de que é necessário um reposicionamento humano no cosmos no amplo conjunto das relações que estabelecemos cotidianamente com o universo com o qual nos encontramos conectados. Dessa forma, pode ser vista como ecologia também de ampliação dos sentidos, com a pretensão de alargar a nossa dimensão cósmica.*

Afirmo que esse pensamento é resultado de 25 anos de estudos desde meu ingresso na filosofia clássica grega, passando por Rousseau, Kant e posteriormente pela Teoria Crítica. Nos últimos quinze anos realizamos leituras de Nietzsche, Freud, Rorty, Heidegger, Habermas e Gadamer, e nos últimos seis anos aproximamos esses pensadores das leituras sobre os fundamentos da EA associadas à física quântica, biologia e muita leitura sobre a ciência espírita.

Em aspectos amplos estamos acenando para uma perspectiva mais integralizada de ser humano e mais sintonizada com amplos elementos que consititem a nossa natureza cósmica. Desse modo, passo agora a sugerir esses aspectos que, para mim, hermeneuticamente integram o horizonte ontológico de compreensão para pensarmos as relações socioambientais:

Da Ecologia Cosmocena: uma intuição hermenêutica

Como já afirmamos, a perspectiva da proposição de uma *Ecologia Cosmocena* emerge da necessidade de um contraponto à lógica da proclamada era Antropocena. A ideia da era Antropocena foi oficialmente lançada pelo vencedor do Prêmio Nobel Paul Crutzen, em 2002, na revista *Nature*. Nesse sentido, os cientistas quando assumem essa terminologia, admitem que é resultado dos visíveis níveis de intervenção do humano no cosmos, em especial na Terra. “Estou falando sobre sinais que marcam claramente a era Antropocena como um intervalo separado no tempo geológico. Assim, precisamos mostrar que o termo é geologicamente justificável” (ZALASIEWICZ, 2011).

Os cientistas que vêm estudando essa temática, ao reconhecer que estamos passando da era Elocena para a Antropocena, reconhecem três grandes períodos na história da Antropocena (VALLE; ANDRADE, 2011): 1. Formação da Era Industrial de 1800 a 1945; 2. A grande aceleração de 1945 a 2000 (que ainda continua); 3. O Antropoceno 3.0, em que o movimento desperta para a consciência de si mesmo que emerge mediante a chamada modernidade reflexiva e dos dilemas da sustentabilidade. É consenso entre eles que estamos num período de perdas irreversíveis com mudanças catastróficas, deixando visíveis, cada vez mais, os sinais de mudanças globais alterando tanto a conjuntura biofísica e socioeconômica quanto as dimensões estruturais no que diz respeito ao funcionamento da Terra como um sistema.

A partir dessa conjuntura procurei desenvolver a concepção de uma *Ecologia Cosmocena* que em minha compreensão pode ser definida a partir das seguintes teses:

a) Da nova relação Natureza-Humanidade

Tradicionalmente quando procuramos discutir essa relação, consideramos a herança ocidental de uma relação de domínio da natureza pela humanidade. Nesta nova ecologia sugerimos que os homens e mulheres possam reconhecer que existem saberes que desde sempre estão aí e que são oriundos do cosmos para os humanos e não ao contrário. Nessa perspectiva ecológica, a natureza é vista como uma outridade-sujeito: natureza rica, plural,

diversa, colorida, fértil, bela, poética, estética, com suas magias e divindades imensuráveis; cabe à humanidade reconhecer-se apenas como mais uma parte integrante dela e não a sua dona. A reivindicação principal aqui consiste num reposicionamento humano: mais humilde, sintonizado, aberto a tudo que a realidade biodiversa nos apresenta cotidianamente.

Um exemplo disso seria apenas nos reconhecermos como mais uma espécie viva no universo imensurável da quantidade de espécies vivas na *Gaia* para manter tudo em equilíbrio. Por exemplo, a ciência reconhece 60 mil espécies vivas na Terra, no entanto estima-se que existem 1,5 milhão apenas de fungos contribuindo para o referido equilíbrio. Se tomarmos o horizonte das espécies invisíveis e indo mais além, vemos que numa tonelada de solo fértil podemos alcançar 4 milhões de espécies de bactérias. De fato são pequenas coisas muitas não reconhecidas até 1988, mas que compõem o fundamento do nosso ecossistema. Isso tudo aponta para nossa ignorância sobre a vida no planeta no que concerne ao nosso alcance em relação à existência da vida. O mais importante ainda é que a garantia da nossa vida depende dessas criaturas. E ainda mais, conforme Wilson (2008) a grande maioria dos organismos da terra permanece desconhecida da ciência.

Às vezes empoderados pelos malogros da perspectiva antropocêntrica, ignoramos o fato de que quem toma a decisão final é a natureza e não nós. Nós somos parte de um universo cósmico que movimentava um imensurável conjunto de energias. No entanto sabemos que a decisão final é da natureza. Podemos pautar nossas atitudes na busca de uma relação que nos aproxime mais do que nos distancie da nossa condição biopsicossocioambiespiritual³ nos reconhecendo como essa outridade parte integrante do cosmos.

Ainda nesse olhar mais alargado propiciado pelo rasgo hermenêutico motivado pela *Cosmocena* há um outro aprendizado significativo que contribui em nossa transvaloração. Trata-se do fato que aprendemos apenas há 40 anos com a física e a biologia que são as assimetrias que são fundamentais no mundo. Até então a humanidade sempre pautava suas relações e descobertas na busca da perfeição e pela simetria

A *Ecologia Cosmocena* nos mostra que a vida tem uma assimetria fundamental e que é imperfeita. E reforça a descoberta dos cientistas de que todos os sistemas vivos não são lineares e que funcionam em redes. Apenas essa informação já deve mudar radicalmente a

³ Utilizarei a partir de agora a palavra *biopsicossocioambiespiritual* ainda não registrada nos dicionários considerando que expressa uma compreensão cosmocena daquilo que constitui a humanidade. Por isso ela procura numa única terminologia agregar as dimensões biológicas, psicológicas, sociológicas, ambientais e espirituais. Cabe salientar que a compreensão já existe, no entanto ao descrevê-la, na maioria das vezes é traduzida por Biopsicossocial- ambiental e espiritual. A alteração que faço aqui se dá no sentido semântico de realmente reforçar que essa compreensão no horizonte cosmoceno é indissociável.

nossa forma de compreender e de agir no mundo, exigindo novas maneiras de nos relacionarmos com os saberes, por exemplo. Exige da humanidade reflexões profundas sobre os nossos endereçamentos motivados pelos nossos pontos de partida. Daí a importância de discutirmos essa relação natureza-humanidade até como uma provocação não no sentido de inversão de posturas mas de busca de ampliação de sentidos sobre como agimos e fundamentalmente por que agimos dessa e não de outra maneira. Sugere sim que possamos refletir sobre nossos referenciais sem essa perspectiva de culpa, de erro e de verdade, mas na busca de compreendermos melhor a forma como reconhecemos e valorizamos a vida.

Da desaceleração do tempo como garantia da vida

O conceito de tempo é talvez um dos conceitos mais caros para uma época em que nos múltiplos cotidianos ouvimos frequentemente a manifestação de uma geração que reclama não ter tempo. Desse modo a *Ecologia Cosmocena* considera que é “urgente” que possamos redefinir o conceito de tempo e fundamentalmente a forma como que ele se processa em nossas agendas materiais de consumo. Somos herdeiros da concepção de tempo moderna. Nesse horizonte o tempo se manifestava claramente em três etapas: passado, presente e futuro. Ou seja, eu estava no presente, olhava para o passado e projetava o futuro. Nessa perspectiva os projetos modernos traduzem em seu bojo uma visão altamente otimista em relação ao futuro. Assim os endereçamentos apontavam sempre para valores e garantias universais em busca de uma melhor sociedade com escala valorativa visando bem-estar da humanidade. O futuro é o ainda não, o vir a ser possível. Infundáveis são as obras que têm como indicativo o alcance de um *telos* uma finalidade promissora.

Diferentemente desse horizonte os tempos atuais estão marcados por outros endereçamentos que em geral se apontam para a vivência intensa do tempo presente. É o que alguns autores denominam de *presenteísmo*. O que vemos nessa nova noção de tempo é certa rejeição do passado por considerá-lo piegas e obsoleto e ao mesmo tempo uma visão um tanto pessimista em relação ao futuro pelo indicativo do não atingimento das garantias já há muito proclamadas. Basta apenas lembrar aqui a forte crítica da Escola Francesa de alguns pensadores pós-modernos que apontavam para a teoria do fim da história. Aqui no Brasil esse estudo chega através do estado-unidense Francis Fukuyama em 1989. Para defender essa tese partem da Hegel e posteriormente aproximam essa discussão ao campo da historiografia e da

crise das ciências em geral. É importante ressaltar que a história que apontam para o seu fim é aquela dos enredos e metanarrativas modernas com seus pontos de chegada. Sem estabelecer juízo de valor o que no conjunto desses estudos aparece são fortes desconfiâncias em relação ao futuro. Desconfiâncias essas baseadas em experiências pretéritas.

Por outro lado atualmente a ênfase no presente associada à noção de efemeridade promove no campo das relações e na forma como vivenciamos nossos projetos algumas mudanças. Afirmo isso porque se o passado não serve como aquela referência tradicional, e se o futuro não pode ser vislumbrado com otimismo cabe ao sujeito um olhar intensificado pelas necessidade de vivenciar o presente.

Considero que isso pode trazer algumas implicâncias no terreno da ética, na mudança de valores e na forma como nos relacionamos com o cosmos. Um simples exemplo disso são as diferenças entre um tempo em que se namorava alterando para “ficar” e atualmente “pegar”. Ocorre uma profunda mudança cujo referencial é maior ou menor conhecimento, envolvimento e por decorrência comprometimento.

Outra implicância é apresentada por Santos (2000) quando discute o diagnóstico dessa aceleração intensificada, denominada de vertigem da *aceleração* e do consequente *bloqueamento* da criatividade e da realização de demais experiências estéticas, cognitivas e místicas. Somos uma geração acelerada, ansiosa, angustiada e pouco criativa.

O tempo da *Ecologia Cosmocena* dá tempo ao tempo. Ele reconhece como o poeta gaúcho Mario Quintana que “o passado não reconhece seu lugar... está sempre presente. Nessa esteira também lembra o poeta argentino Martin Fierro que “o tempo é a tardança daquilo que se espera”.

Reconhecendo a importância de noções de tempo mais abrangentes e que deem conta de sentidos mais amplos para nossa existência, o tempo cosmocena nos ensina, por exemplo, o quanto o universo tem paciência conosco; mesmo vendo a forma como agimos não extingue num golpe só a vida do planeta. A redefinição desse tempo pressupõe sintonia e reflexão profunda sobre a validade dessas nossas práticas intensas e aceleradas.

As comunidades tradicionais com seus saberes nos ensinam uma relação que não é aligeirada como atualmente é o sistema produtivo em todas as escalas até demonstrar seus impactos no chamado produtivismo acadêmico. Preocupamo-nos com o produto e nos esquecemos de nós.

A *Ecologia Cosmocena* reivindica tempo para cuidar – de nós, da mãe-terra, das nossas místicas; para amar, para cultivar as amizades, para silenciar, para conversar, tempo

para escutar. Somos uma civilização que escuta muito pouco, com muitos ruídos de comunicação. Precisamos de tempo para desacelerar. Quando perguntamos a alguém: “Como está?”, ele responde: “Estou bem (...) na correria!” Estamos correndo para onde? Produzindo para quem? A favor de quem?

Quanto aos sintomas de ansiedade estão tomando proporções inimagináveis além de criar novas patologias. Ficamos ansiosos se acaba a bateria do celular, ansiosos no trânsito pelas agendas muito apertadas. Também nos permitimos inclusive agendar até o nosso tempo de final de semana e das férias porque perdemos a calma para fugir da rotina. Ficamos muito ansiosos e angustiados por uma queda de energia elétrica por alguns instantes. Ansiosos e automatizados que não clicamos no botão do elevador apenas uma vez mas várias vezes. Isso também ocorre quando abrimos as páginas de navegação na internet. Para não perder tempo e sim ganhar tempo são desenvolvidos aplicativos de acessos instantâneo facilitando maior e melhor acesso em tempo real. E quando isso não acontece reclamamos sobre a lentidão da operadora e solicitamos que aumente em megabits a velocidade da rede. A decorrência desse fenômeno quando chega ao extremo tem levado pais e educadores de modo geral se questionar sobre locais que frequentam, se tem ou não wi-fi, as férias de seus filhos e alunos que no planejamento tem que considerar o acesso as rede como condição *sine qua non*. Até o transporte até ao local deve possuir sinal de acesso à rede. A reflexão que trazemos não é sobre o acesso mas sim sobre a dificuldade que temos em tirar tempo para nos desconectar da rede. Em um dia desses escutei de um Cacique guarani que “as redes sociais aproximam pessoas que estão longe e distanciam as que estão perto”.

O *tempo cosmoceno* nos sugere uma reavaliação sobre as múltiplas formas em que o tempo se manifesta. Sugere que resgatemos das culturas das comunidades tradicionais os saberes e as aprendizagens de uma relação de longevidade no sentido de aproveitarmos melhor o tempo, vivermos melhor a vida. Não adianta termos expectativa de vida longa se não soubermos viver bem, em melhor sintonia com o *cosmos*.

Da sintonia com novas sabedorias

A sabedoria da *Gaia* respeita os ciclos e as dinâmicas particulares de diferentes fenômenos das sociedades e civilizações no mundo. Os calendários humanos que tratam das idades do mundo são divididos em ciclos de ascensão, estabilidade e queda (ouro, prata, bronze e pedra) e reconhecem que existe infância, juventude, maturidade e velhice das

civilizações. São as chamadas civilizações-raízes, que tinham referenciais muito diferentes dos nossos, há cinco mil anos.

Ampliando o horizonte, sabemos que o cosmos é tudo o que é, foi e será. Talvez seja por isso que ele guarda tantos mistérios que deixamos de perceber para nos dedicarmos a pesquisas, por exemplo, sobre novos armamentos. A *Ecologia Cosmocena* considera que o entendimento humano ainda é muito limitado para explicar a vastidão cósmica. Com isso não está fazendo uma crítica niilista ao ser humano. Ao contrário entende que daí resulta que temos ainda muito que aprender com esse vasto universo. A finitude humana se reconhece através do cosmos. Ele é ilimitado de inter-relacionamentos no incrível mecanismo da natureza. A amplitude cósmica nos traz a sabedoria de nos reconhecermos como um pequeníssimo ponto nesse universo. Talvez aqui a aprendizagem da humildade em relação ao lugar que ocupamos. Um simples exercício seria imaginarmos o reino das galáxias a oito bilhões de anos-luz de casa. No reino das galáxias as medidas comuns de distância são insuficientes para dar sentido à realidade.

Outro dado relevante pelo olhar das novas sabedorias consiste em reconhecer que a vida aparece na terra a quatro milhões de anos e o ser humano a duzentos mil anos. Olhando com um pouco mais de atenção veremos que por milhares de anos pouco intervimos no cosmos. Os registros apontam que uma das primeiras intervenções com maior impacto se deu pela agricultura mesmo que ainda em pequena escala apenas para subsistência. Mas mesmo assim a agricultura foi a primeira grande revolução pois mudou radicalmente a relação humanidade-natureza. Ela transformou o futuro da espécie humana que antes não passava de animal selvagem em busca de alimento. Dele emergem as demais invenções e surgimentos: cidades, conquistas, a cerca de oito a dez mil anos acabaram com a incerteza da caça. Pela agricultura os humanos desenvolveram aprendizagens e sabedorias do controle de energias múltiplas.

Usando de sua sabedoria os humanos moldaram a terra no domínio de outras práticas com a ajuda do petróleo. Ainda hoje no mundo metade da humanidade cultiva o solo, mas agora com uso dos recursos da tecnologia. Há pouco sacrifício no cultivo da terra com o petróleo. Isso tudo nos últimos sessenta anos quando a população da terra quase triplicou. Mais da metade da população mundial vive em cidades. Passamos a habitar espaços inimagináveis nas cidades e produzir muito no campo. No entanto essa produção não em sua maioria para alimentação dos humanos.

Em todo o mundo a maior parte dos cereais produzidos é transformada em ração para gado ou em biocombustível. Nossa agricultura está cada vez mais dependente do petróleo. Temos então uma relação em que o humano desenvolve suas aprendizagens numa relação de domínio chegando cada vez mais a uma espécie de “beco sem saída”. É uma forte relação de dependência. Isso sem contar 900 milhões de veículos que existem hoje no planeta. A consequência imediata é o esgotamento das reservas do planeta.

Em um dia desses me deparei com alguns dados que me fizeram refletir sobre o quanto nos damos conta das relações mais amplas que ocorrem no cosmos. Há cem anos, havia 1,5 bilhão de pessoas na terra. Atualmente, passamos dos seis bilhões. Mesmo assim, ainda existem lugares, praticamente intocados pelo ser humano, ainda selvagens, que muitas vezes nem em pensamentos chegamos próximo deles. Não conseguimos facilmente imaginar nosso mundo sem o sol. Esse é o caso da Antártica, onde, com uma temperatura de setenta graus negativos, vivem os pinguins. Nesse lugar não há comida nem água e, de certa forma, há uma escuridão contínua.

Semelhante desafio ocorre com o urso polar. Quando o sol deixa a Antártica, elimina o céu no extremo norte. É necessário um esforço para sobreviver no hemisfério norte. No norte do Canadá, por exemplo, ocorre anualmente migração forçada de três milhões de renas, que migram através da tundra ártica, chegando a viajar até três mil quilômetros atrás de pasto fresco, enfrentando o risco de os lobos lhes devorarem. Todo esse movimento atrás do sol em busca da vida.

Quando o encontram, no alto verão da tundra, o sol não se põe e ali temos uma floresta que não sustenta muita vida animal, com sua vegetação que é a taiga. No entanto, ela contém 1/3 de todas as árvores do planeta, circula toda a terra e produz tanto oxigênio, que pode mudar a composição da atmosfera. Quando atinge cinquenta graus, a floresta tem vida e os animais podem aproveitar a energia do sol. Isso ocorre na direção sul. Chega o inverno e os animais precisam migrar para sobreviver.

Por que eu trouxe esses dados? Para demonstrar o quanto não nos damos conta de nossa dependência da energia solar e para lembrar que em todas as partes o planeta promove espetáculos inimagináveis nessa viagem das quatro estações ao seu redor. Conforme o sol faz esse giro, inúmeras florestas começam a morrer, populações inteiras são forçadas a viajar grandes distâncias atrás de comida e de calor. Raros são os casos em que em algumas partes do mundo não há estação e cuja temperatura é constante o ano todo. Nela são abrigados mais

de 50% de todos os animais. É o caso da biodiversa ilha de Nova Guiné, com variedade de pássaros e fartura de alimentos; e do mar do cabo na África do Sul, que é fértil em nutrientes.

Em vez de buscar redefinir nosso olhar no cosmos enquanto processo de aprendizagem, nos encontramos, ao contrário, imersos no Cosmocyper, como alerta E. O. Wilson: “Estamos nos afogando em informações e, ao mesmo tempo, famintos de sabedoria”. O paradigma da informação acelerada não se traduziu num processo de aprendizagem e de construção de conhecimento e muito menos de sabedoria. Assim, ocupamos o mundo irracionalmente, mas não o habitamos poeticamente.

Nesse sentido, questiono: quanto tempo da minha existência eu tiro ou dedico para conexões com esses campos de saberes mais profundos que sempre estiveram aí? Quanto tempo eu tiro para ressonância com as forças ricas pulsantes transcendentais que desde sempre pulsaram no cosmoceno, mas de que nossa arrogância epistemológica nos distanciou? Compreendo que o horizonte do Antropoceno avalia tardiamente sua intervenção. Quanto tempo eu tiro para desenvolver essa sabedoria biodiversa sobre a multiplicidade de infinitas possibilidades de aprendizagens com o cosmo? Quanto tempo eu tiro para reconhecer a importância da existência dos organismos vivos entre si e com o ecossistema, que asseguram a sobrevivência das espécies, bem como a preservação dos recursos naturais, gerando um estado de equilíbrio conhecido como sinergia ambiental? Há muita sabedoria ainda não percebida no universo infinito. Quanto mais nos ocupamos com essa reflexão, mais mistérios e possibilidades de aprendizagem se descortinam.

Do cuidado como reaprendizagem vs. consumo desenfreado

A *Ecologia Cosmocena* reconhece que o cosmos nos cuida mais do que nos afeta; ele nos protege, serve de morada, ensina valores de acolhida de amorosidade, de elevação e de encantamento. Diferente disso, a perspectiva antropocena demonstra atitudes humanas desenfreadas que nos agredem, nos violentam, nos tornam competidores por espaços que não são nossos, mas emprestados pelo curto tempo que aqui ficamos como ocupantes e por vezes invasores.

A lógica capitalista do consumo não nos cuida. Ela estimula concorrência desenfreada entre nós, terráqueos marchando às pressas atrás de recompensas pré-fabricadas. Na busca do ter mais, esvaziamos o sentido ontológico da existência humana. O amor-próprio de propriedade e de orgulho substitui o *amor de si* já reivindicado por Rousseau em pleno século XVIII. Para ele, amar-se é cuidar-se. Nesse vazio de descuido e sentido

existencial, esquecemos outra escala axiológica que nos indica como válido o bom uso da inteligência, o bom uso do conhecimento e, fundamentalmente da moral.

O estudo de Boff no início do século corrente reconhece o cuidado como força originária que continuamente faz surgir o ser humano. No entanto, conforme ele, o cuidado é “um *apriori* ontológico” e se manifesta nesse sentimento que nos torna pessoas. Se pudéssemos escolher entre as múltiplas formas de cuidado – cuidado com o nosso único planeta; cuidado com o próprio nicho ecológico; cuidado com a sociedade sustentável; cuidado com o outro, *animus* e *anima*; cuidado com os pobres, oprimidos e excluídos; cuidado com nosso corpo na saúde e na doença; cuidado com a cura integral do ser humano; cuidado com a nossa alma, os anjos e os demônios interiores; cuidado com o nosso espírito, os grandes sonhos e Deus; cuidado com a grande travessia, a morte –, priorizaríamos o cuidado com a Terra e com os pobres e excluídos de todo o planeta. A Terra, por ser a nossa morada, nossa casa, nosso covil; os pobres e excluídos, por reconhecermos que num planeta tão rico, plural e abundante não podemos mais suportar a existência e convivência miseráveis de toda espécie que não conta na economia do país.

A *Ecologia Cosmocena* denuncia os excessos da lógica consumista e nos conclama a desenvolver, enquanto humanos, múltiplas formas de sensibilização, poética, estética, afetiva, ecológica e espiritual, de cuidarmos uns dos outros. A natureza nos cuida. Somente emite o alerta como grito de socorro. Da falta de cuidado decorrem as enchentes, as catástrofes ambientais, novos eventos biofísicos que alteram os painéis geográficos em todo o planeta. Fruto da ganância motivada pela lógica do capital, nos descuidamos tanto que acabamos ferindo uns aos outros.

E uma das trágicas decorrências desse horizonte são as diferentes guerras em todo o planeta: econômica, social, política, ambiental, racial e religiosa. Tornamo-nos intolerantes e perdemos a sintonia com a sabedoria do cosmos que nos convida a uma cultura de resistência dessa lógica na direção da paz.

Quando vemos, em pleno século XXI, a fuga da Síria para a Turquia, Grécia e posteriormente para toda a Europa como única alternativa de sobrevivência, o crescimento alarmante dos casos de suicídio, considerado um dos maiores problemas de saúde pública pela OMS, levando uma pessoa a óbito a cada 35 segundos no mundo; quando vemos aumentar os fenômenos migratórios de haitianos, nigerianos e senegaleses para a América do Sul, fica reforçada ainda mais a necessidade de maior cuidado pelos humanos como condição para uma convivência e respeito pelas outridades na perspectiva ecológica *cosmocena*.

Reconhecidas alternativas emergem na perspectiva da ética do cuidado e da cultura da paz por grandes líderes mundiais. (as relações Cuba –Estados Unidos demonstram essas tentativas). Outro marco relevante é o caso da Encíclica Papal *Laudato si* sobre o cuidado com a nossa casa comum. Nela partindo da expressão louvado sejas de Francisco de Assis o papa Francisco realiza o novo Cântico das Criaturas que se apresenta tão inspirador quanto o original e nos convida que sejamos, portanto, aliados da “mãe-terra”, integrando nos à maravilhosa comunidade dos seres viventes. Desse modo realiza uma crítica muito forte ao sistema capitalista e a todas as formas e estratégias de aniquilamento da vida e de restrição de possibilidades de desenvolvimento humano e portanto ambiental. Demonstra uma forte preocupação com o futuro comum da humanidade pelo descuido com a casa comum pela lógica do consumo. E chama essa responsabilidade para a esfera e compromisso individual e comum a partir do uso racional das coisas, da necessidade de nos liberarmos da escravidão do consumismo. A partir de uma perspectiva ecológica cosmocena integral essa é uma pauta universal que transcende a dimensão das religiões mas que a ecologia cosmocena reconhece todos os esforços em favor da garantia da vida digna no planeta.

Da descolonização do mundo da vida

Essa categoria não é nossa. O mundo da vida foi inicialmente pensado por Husserl e posteriormente por Habermas quando considera em sua *Teoria da Ação Comunicativa* o mundo da vida como:

Um acervo de padrões de interpretação transmitidos culturalmente e organizados linguisticamente. As estruturas do mundo da vida fixam as normas da intersubjetividade do entendimento possível. “O mundo da vida é, por assim dizer, o lugar transcendental em que falante e ouvinte se encontram;[...] os agentes comunicativos se movem sempre dentro do horizonte que é seu mundo da vida; dele não podem sair⁴.”

A compreensão do mundo da vida refere-se a esse espaço no qual ainda mantemos nossas reservas das dimensões subjetivas, individuais, afetivas e culturais que se reforçam nas relações primeiras a partir das nossas estruturas comunicativas com o mundo.

Para Habermas, o mundo da vida sofre as decorrências da racionalidade moderna instrumental capitalista voltada para fins econômicos. Essa racionalidade penetra nas estruturas comunicativas do mundo da vida e provoca perturbações na reprodução simbólica do mundo da vida, criando novos padrões morais e estéticos. O resultado desse engessamento é definido por Habermas de colonização do mundo da vida. Ele entende que vivemos assim

⁴ HABERMAS, op. cit., 2001, pp. 176-179.

um cotidiano sujeito a toda forma de burocratização sistêmica. Nela, para Habermas, são utilizados inclusive aparatos jurídicos, burocráticos para o controle. Essa forma de controle interfere diretamente nas relações entre pessoas, na família, na cultura, na organização de nosso tempo livre e na escola.

O diagnóstico de Habermas aponta para a já reconhecida colonização do mundo da vida pela racionalidade estratégica voltada a fins que predomina no mundo do sistema.

O reconhecimento da necessidade da referida descolonização no horizonte da *Ecologia Cosmocena* situa-se em especial a partir do já referido que somos uma sociedade de consumidores, do domínio do mundo do sistema sobre o mundo da vida mas fundamentalmente pela intensificação e pelo espaço que as redes sociais ocupam cotidianamente em nossa vida. Antes que emitam julgamentos prévios já me antecipo afirmando que não estou de modo algum aqui reivindicando um mundo sem redes sociais. Ao contrário a *Ecologia Cosmocena* quer contribuir na reflexão sobre as mudanças proporcionadas no horizonte dessas novas relações.

O diagnóstico realizado pelo Sociólogo Polonês Zygmunt Bauman sobre a sociedade de consumidores traz alguns indicativos com implicações diretas na colonização de nosso mundo da vida. Reconhecendo que estamos vivenciando atualmente uma nova organização social com mudanças profundas de uma sociedade moderna de produtores para uma sociedade de consumidores Bauman nos leva a pensar algo semelhante aquilo que Adorno descreve no seu texto *Sobre sujeito e objeto* em que no final dessa relação sem se dar conta o próprio sujeito se transforma em objeto. Pelo olhar de Bauman nesse novo arranjo social de consumidores nos transformamos atualmente também em mercadoria num horizonte de infinitas possibilidades de consumir e ser consumido. Daí o título de sua *Vida Para Consumo* que analisa entre tantos aspectos essa mudança de relação e as novas necessidades de assim como as mercadorias estarmos o tempo todo sendo flexibilizados em perfis, novidades, visando sermos atraentes e felizes para que não nos tornemos obsoletos. E tudo isso em tempo real. Na sociedade de consumidores nossas vidas podem estar se transformando em mercadorias.

A *Ecologia Cosmocena* atenta a esses movimentos se permite questionar sobre o quanto essas relações ocupam novos espaços em nossas vidas promovendo e abrindo campos de novas conexões de saberes por um lado, novos intercâmbios, aprendizados, novos relacionamentos e informações que descobrimos e acompanhamos em tempo real; por outro lado nos questiona sobre a diminuição gradativa das vivências primeiras, afetivas e

comunicativas em nosso mundo da vida. *A Ecologia Cosmocena* denuncia essa lógica do encolhimento das dimensões que nos constituem como pessoas a partir dessas relações primeiras. Nesse sentido atualmente chegamos ao momento em que uma família pode estar na beira da praia e cada integrante com um celular na mão não conversando entre si mas concomitantemente fazendo seus registros fotográficos para atualizar o seu perfil no Facebook. Eu visualizando a cena fiquei a me questionar sobre a forma como estamos aproveitando o nosso tempo juntos. Estamos juntos ou estamos próximos? Quanto temos privilegiado para conversarmos? Como já afirmamos somos uma sociedade com profundos ruídos de comunicação pessoa-pessoa pela fala, no entanto com amplas conexões pelas redes sociais.

Em casa cada vez menos falamos com nossos filhos. Mas nossos filhos falam com o mundo e através das redes são muitas vezes mais escutados do que em nossas casas. Um dia desses vi no rosto de uma mãe uma expressão de espanto quando alguém de fora do relacionamento familiar por acompanhar as postagens de sua filha a elogiou: “Como sua filha é educada”! você tem acompanhado as mudanças de perfil de seu filho (a) nas redes sociais?

Bauman nos alerta que na sociedade onde nos transformamos em mercadoria para que seja aprazível para o consumo uma das relações que mais reivindicamos é a de felicidade. Por isso nos *Self* as fotos dos perfis são sempre de pessoas sorridentes e felizes. Criamos estratégias para ludibriar o cotidiano. Nele sentimos de fato a necessidade da conversa, da escuta, de enfrentar as frustrações, de busca da resiliência mediante as perdas e dificuldades que fazem parte das dimensões do mundo da vida.

Ao sugerir a descolonização do mundo da vida com esse olhar ecológico também chamamos atenção para a valorização da nossa dimensão de gentetude; do respeito pelas outridades que integram nossa casa comum; do reconhecimento e da necessidade de desenvolvermos relações afetivas não fetichizadas pela lógica da racionalidade instrumental estratégica. Procure fazer um exercício. Você consegue manter seu celular com todas as conexões possíveis desligadas por dois dias? Recentemente nosso país teve uma crise de abstinência pela suspensão de um aplicativo por 48 horas. Pessoas tiveram dificuldades porque necessitaram utilizar outras formas de comunicação inclusive conversar.

No entanto nos sentimos felizes pelo número de amigos na rede social, de seguidores no Twitter, de curtidas em nossas postagens e número de acessos e de visualizações no YouTube. Conforme o aumento desse número, às vezes um vídeo em esfera íntima e pessoal pode se transformar num produto vendável nas redes sociais. Assim estimula-se a criatividade por

algo que chame muita atenção e em certas situações vemos cenas que beiram a banalização da esfera privada em busca da fama. E assim agimos como se isso garantisse segurança e conquista de relações de reconhecimento, mas que no fundo estamos, apontando, sem nos darmos conta do estabelecimento de relações frágeis. Buscando alertar para essa fragilidade e para não garantia dessa pretensa segurança e reconhecimento, a Ecologia Cosmocena lhe convida à descolonização dessas pretensas práticas e sugere sim o uso das tecnologias, mas sem a perda e restrição de sentido de dimensões fundamentais para a garantia e preservação de nosso mundo da vida.

Da necessidade de reconhecimento de um mundo diverso e sem preconceitos

A pluralidade de formas não é uma categoria filosófica e muito menos humana; ela é oriunda do cosmos. O universo é tão plural que a razão humana não consegue expressar essa vastidão de formas. Nossa razão é limitada. Na diversidade *cosmocena* convivem infinitas espécies e formas. É tanta diversidade que aumentam cada vez mais as suspeitas sobre se haveria ou há um autor de tudo isso. Se há, como afirmava Tomás de Aquino, deve ser perfeito para conviver com tanta diversidade e equilíbrio. E pensar que existem humanos que têm preconceito de raça, cor, gênero, religião, classe social, preconceitos epistemológicos apenas porque neste cosmos tão diverso pensamos de modos diferentes. E pensarmos que temos governos como é caso do nosso governo interino que não reconhece a diversidade quando extingue a Secretaria de Educação Continuada Alfabetização Diversidade e Inclusão (Secadi) e o Ministério das Mulheres da Igualdade e dos Direitos Humanos.

A *Ecologia Cosmocena* nos conclama à transvaloração de pensamentos, ações e sentimentos que pauperizam a condição existencial humana. Nesse sentido, indica como atitude hermenêutica a abertura de olhar, de coração, de crenças, de culturas, visando à superação dessas epistemologias de fronteiras e da negação da condição ontológica do ser humano. Este, mais aberto e conectado com o cosmos, se reconhece agora como ser plural e múltiplo. Apenas mais um neste universo de infinitas possibilidades. Considera que não há mais espaços para apequenamentos, olhares estreitos e provincianos. Superando preconceitos, aponta para a diversidade de formas, ideias, sentimentos, cores, espécies, sabores, raças, gêneros e culturas.

Da condição de incompletude

Aprendemos com a filosofia que somos do tamanho do que pensamos, e mais recentemente, com a psicologia e com a física quântica, que somos do tamanho do que sentimos. Aprendemos com a *Ecologia Cosmocena* que somos seres cósmicos e ao mesmo tempo finitos e limitados. A *Ecologia Cosmocena* nos reivindica reavaliarmos nossa condição existencial. *Quem sou eu?* volta como pergunta fundamental em tempos em que perdemos o endereço de nós mesmos.

Superando a lógica do conhecimento fatiado, somos convocados a nos compreendermos como seres inconclusos com multideterminações. Assim, por exemplo, podemos nos encerrar num abraço, mas ao mesmo tempo nos abrimos para o mundo. Essa abertura de olhares e sentidos é habitada pela nossa condição ontológica de ser mais. É o humano que se revisita, reconfigurando sentidos e valores numa ampla conexão com diferentes formas de vida que brotam, vertem e habitam diferentes espaços.

Nesse horizonte vejo com boa compreensão esforços atuais no sentido de sugerir uma nova aliança entre ciência e religião, como defende Wilson (2012); mas fundamentalmente, na *Ecologia Cosmocena* consideramos os elementos da inteligência espiritual que, conforme Zohar e Marshall, não devem ser entendidos como inteligência religiosa, mas como “capacidade interna, inata do cérebro e da psique humana, extraindo seus recursos mais profundos do âmago do próprio universo” (2012, p.22-23).

Nesse sentido, o QS (coeficiente espiritual) busca contribuir na perspectiva *cosmocena* com alternativas para a crise de sentido existencial que não pode ser resolvida pela ciência, pela inteligência e pelas emoções, mas pelo espaço não colonizado do QS. É uma espécie de bússola moral que contribui significativamente na compreensão sobre quem somos.

Associada ainda à nossa incompletude, temos outra significativa informação do anestesista americano Stuart Hameroff, do Centro de Estudos da Consciência do Arizona, e de Roger Penrose, físico de Oxford, que afirmam em seus estudos que a alma existiria, sim, como um conjunto de relações quânticas entre partículas dispersas no Universo. Ela é resultado da descoberta de que dentro de cada neurônio existiriam cem milhões de microtúbulos: tubinhos feitos de uma proteína chamada tubulina. Eles descobriram que quando o cérebro morre, a informação quântica (gerada nos microtúbulos) não fica presa. Ela se dissipa no espaço-tempo. Pela mesma lógica, quando alguém nasce, essa informação espalhada no Universo entraria nos microtúbulos.

Nessa abertura da nova ecologia, reconfiguramos sentido de colonização de espaços e de fronteiras que, com visões limitadas de um ser humano fragmentado em diferentes partes,

gera uma perspectiva estreita do espaço humano no cosmos. A *Ecologia Cosmocena* reconhece essas outras dimensões como pertencentes às forças do universo e sugere o reconhecimento tanto dessa inteligência que é acessada de múltiplas formas desde as civilizações mais antigas até mais recentes como a existência da alma. Em todas há um traço em comum: a busca de um sentido maior para a vida. Por isso, contribuindo para a superação da crise de sentido, permite um alargamento compreensivo sobre nosso papel no universo, numa perspectiva mais cooperativa, humilde e menos competitiva. Quanto mais nos lançarmos na dimensão cósmica de nossa incompletude, maior sentido ontológico estaremos alcançando.

Do lugar da Educação Ambiental na *Ecologia Cosmocena*

Considero que a EA será sempre o espaço da reflexão crítica. De denúncias e anúncios. De reposicionamento das perguntas sobre o sentido dos humanos demasiadamente humanos. Do alargamento da consciência e dos sentidos sobre a indústria dos endereçamentos que buscam pauperizar a existência humana. São homens e mulheres que pela racionalidade estratégica contribuem para o extermínio e o encolhimento da vida no planeta.

A EA parece um ponto pequeno nesse universo, mas que assume o papel preponderante no sentido de nos ressituar sobre os caminhos que traçamos. Essa ampla discussão não se encontra desconexa das intervenções políticas e principalmente econômicas, economia essa que limita as formas de vida no planeta como é o caso do cenário brasileiro.

Entendo que a EA deve e pode contribuir com o fortalecimento de redes globais de resistência à lógica antropocêntrica industrial e financeira que ainda sustenta e alimenta a guerra por recursos naturais. Ela pode servir de alternativa para pensarmos um desenvolvimento mais amplo do ser humano do que apenas a estreiteza da lógica financeira. Estou falando do desenvolvimento cultural, intelectual, espiritual das pessoas em suas múltiplas dimensões que possa garantir a qualidade de vida digna. É o que Capra denomina de crescimento qualitativo.

Para quem deve ser pensada a EA?

Para todos, inclusive para abriremos os olhos sobre a condição de finitude daqueles que se consideram eternos pela doença e malogro do poder político reforçado pela lógica financeira, mas fundamentalmente para milhares de humanos que não possuem vida digna no planeta. Aqui estou falando de uma *Ecologia Cosmocena afirmativa* em favor dos excluídos pelos humanos, reconhecendo que o cosmos nos acolhe sempre.

Onde deve ser praticada?

Em todos os espaços possíveis; se não existe meioambiente,mas inteiro ambiente,não existe meio humano. Logo, nos colocarmos com inteireza onde estivermos pode talvez contribuir para o estabelecimento de uma nova relaçãoos espaços marginalizados pelo próprio antropoceno. Meu sonho particular é que a EA possa contribuir para que essa ecologia que vislumbramos chegue às escolas, por compreender que a escola é ainda um local privilegiado de formação socioambiental.

O desafio maior da EA consiste nessa profunda inversão axiológica ampliando ainda mais os horizontes educativos e alargando o sentido e a busca pela compreensão da condição humana no universo: compreensão cósmica. Ela fundamentalmente pode contribuir para a efetivação de um novo acordo natureza-homem, para que, quem sabe,possamos salvar a vida no planeta.

MOVIMENTOS COMPREENSIVOS

Os argumentos e sentimentos até aqui expostos reivindicam pelo horizonte da Ecologia Cosmocena a redefinição e o reposicionamento dos humanos no cosmos. Ao mesmo tempo acenam ontologicamente para horizontes compreensivos de maior abertura, sensibilidade, capacidade de aprendizagem e sintonia com nosso eu múltiplo.

Não se trata de uma nova metafísica e muito menos de uma visão harmônica e debilitada. Trata-se de uma postura de muita humildade e reconhecimento de que nossos ancestrais, através das comunidades tradicionais, nos ensinaram uma relação de maior sintonia e respeito com o universo. A lógica do consumo nos distanciou da nossa dimensão cósmica. Desse modo, habitamos o universo de forma estranha e desconexa. Para enfrentar esse quadro de amplas crises e fundamentalmente a crise de sentido, é que a *Ecologia Cosmocena* se coloca como uma alternativa viável na luta pela vida digna, pela ampliação de sentidos e pela melhoria da convivência na relação do cosmos com os humanos. Essa ecologia é aberta, menos intolerante, menos egoica, cooperativa, é pacífica, sábia, sensível, cuidadosa, humilde, amorosa em seus vínculos, dá tempo ao tempo e recoloca o humano como apenas mais uma possibilidade de garantia da vida neste universo de múltiplas possibilidades. Esse foi o convite que pretendo ter feito a você, estimado leitor. Convido-lhe para construir conosco esse novo paradigma, contribuindo para além dos Fundamentos da Educação Ambiental com a construção de um futuro melhor em nosso planeta.

Quando apresentei a *Ecologia Cosmocena* no VII Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental no PPGEA- FURG (novembro de 2015), fui questionado sobre a dimensão de praticidade da referida teoria. Na ocasião argumentei que conforme o horizonte do Pensamento Pós-Metafísico já não fazem mais sentido as velhas segregações e polarizações entre pensar e agir. Conforme o horizonte hermenêutico e linguístico na palavra já existe uma ação. É a famosa tese da ação ou do agir comunicativo que aqui não irei discutir. No entanto a referida indagação também me levou alguns meses após a pensar em possíveis desdobramentos da *Ecologia Cosmocena* e como valorizo muito a dimensão intuitiva estou sendo intuído a pensar e sentir a possibilidade de uma *Pedagogia Cosmocena*. Esse é o esforço desenvolvi no livro e aqui presento apenas uma síntese. Num próximo texto trarei ela com maiores desdobramentos.

Em linhas gerais trabalhamos cada um dos princípios da *Ecologia Cosmocena* como um princípio pedagógico ficando dessa forma: a) Da nova relação Natureza-Humanidade resulta a Aprendizagem *Humanista relacional*; b) Da desaceleração do tempo como garantia de vida – Aprendizagem *como Processo de valorização da vida*; c) Da sintonia com novas sabedorias- Aprendizagem *Hermenêutica dos Saberes não reconhecidos*; d) Do cuidado como reaprendizagem vs. consumo desenfreado – Aprendizagem *do cuidado*; e) Da descolonização do mundo da vida- Aprendizagem *dos Saberes Primevos*; f) Por um mundo diverso e sem preconceitos- Aprendizagem *com as Diferenças*; g) Da condição de incompletude- Aprendizagem *Transcendental*. h) Do lugar da Educação Ambiental na *Ecologia Cosmocena* – Aprendizagem *do Ambiente inteiro*.

Para finalizar gostaria de reforçar que em nosso alcance uma a *Ecologia Cosmocena* enquanto uma ontologia ambiental de horizonte hermenêutico deve contribuir no desenvolvimento de uma epistemologia compreensiva, na qual todos os elementos de nossa ampla experiência estejam entrelaçados, reconhecendo os múltiplos espaços ontológicos e psicológico-culturais. É nessa perspectiva que há uma forte reivindicação de uma compreensão das questões sócio-ambientais a partir de uma concepção de homem integral apontando para sua condição ontológica mais abrangente. Essa compreensão e condição estão muito presentes nos movimentos sociais que deram origem aos partidos políticos e a muitas instituições. Ocorre que os espaços institucionalizados (dentre eles a escola e a universidade bem como os partidos políticos), desconsideraram e renegaram a um segundo plano a dimensão ontológica presente sempre nas comunidades tradicionais e nos movimentos sociais a partir de seus arranjos existenciais. Nesse sentido é que sugiro que busquemos e

consideramos a existência de uma ontologia dos movimentos sociais que pode contribuir na redescritção e ressignificação da nossa forma de pensarmos e vivermos a política enquanto dimensão integrante da condição humana e não apenas como aspecto isolado.

De alguma maneira o pensamento hermenêutico é visto como uma outridade do pensamento científico, por isso ele serve sempre como um espaço para refletir sobre as epistemologias que orientam os fundamentos epistemológicos da Educação Ambiental. E sabemos que a matriz que orienta a epistemologia ocidental desde os pré-socráticos coloca num segundo plano a dimensão ontológica. No entanto, se olharmos para a história do pensamento filosófico ocidental, vemos a ontologia como uma filosofia primeira pré-socrática com natureza hermenêutica, buscando entender ou encontrar um princípio que justificasse a existência do mundo. Ela está presente na base das questões metafísicas e nas experiências dualistas, na busca de sentido do ser. Em outro momento aparece como intuição gnosiológica e experiência cognitiva que consiste na consciência teológica das revoluções emergentes. Mas sempre fundamentada cientificamente para dimensões que na maioria das vezes transcendiam o próprio ser sem pensar o ser na sua condição existencial.

Percebendo esses movimentos e almejando ir um pouco além é que propomos a Ecologia Cosmocena como perspectiva ontológica que pode contribuir no alargamento compreensivo sobre como pensamos e vivemos a política no contexto dos movimentos sociais.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

_____. Sobre Sujeito e Objeto. In: _____. **Palavras e sinais**: modelos críticos. Tradução: Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes 1995.

BICCA, Luiz. **Racionalidade moderna e subjetividade**. São Paulo: Loyola, 1997.

BOFF, Leonardo. **As quatro ecologias**: ambiental, política e social, mental e integral. Rio de Janeiro: Mar de Idéias: Animus anima 2012.

_____. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. Rio de Janeiro: Cultrix, 2006.

_____. **O Tao da física**: uma análise entre os paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental. Cultrix: Rio de Janeiro, 2011.

DUTRA, Delamar José Volpato. **Razão e consenso em Habermas**: a teoria discursiva da verdade, da moral, do direito e da biotecnologia. 2. ed. rev. ampl. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2005.

GADAMER Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução: Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Conhecimento e interesse**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução: Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. Lisboa: DomQuixote, 1990.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**: racionalidad de la acción y racionalización social. Madrid: Taurus, 2001. v. 1.

_____. **Teoría de la acción comunicativa**: crítica de la razón funcionalista. Madrid: Taurus, 2001. v. 2

_____. **Pensamento pós-metafísico**. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Caminos de bosque**. Tradução: Helena Córtes e Arturo Leite. Madri: Alianza, 1993.

_____. **Ser e tempo**. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1989. t.1.

HERMANN, Nadja P. **Educação e racionalidade**: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. Metafísica da subjetividade na educação: dificuldades do desvencilhamento. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 22, p. 81-94, jan./jun. 1997.

_____. O polêmico debate da educação na contemporaneidade: a contribuição habermasiana. In: HERMANN. **A educação danificada**: contribuições à teoria crítica. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

_____. Os alcances pedagógicos da crítica habermasiana à filosofia da consciência. In: DALBOSCO, Cláudio Almir; TROMBETA, Gerson Luis; LONGHI, Solange Maria (org.). **Sobre filosofia e educação**: subjetividade e intersubjetividade na fundamentação da práxis pedagógica. Passo Fundo: UPF, 2004.

_____. **Validade em Educação**: intuições e problemas na recepção de Habermas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

LEFF, Henrique. **Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajatória e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

LOVELOCK, James, **Gaia**: alerta final. Tradução: Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. São Paulo: Abril Cultural, 1974 (Obras incompletas).

PEREIRA, Vilmar Alves; EICHENBERGER, J. C. ; CLARO, L. C. **A crise nos fundamentos da Educação Ambiental**: motivações para um pensamento pós-metafísico. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, v. 32, p. 177-205, 2015.

PEREIRA, Vilmar A. **Ecologia Cosmocena**: a redefinição do espaço humano no cosmos. Juiz de Fora, MG : GARCIA edizioni, 2016.

- PEREIRA, Vilmar, A.(org). **Hermenêutica & Educação Ambiental no contexto do Pensamento Pós-Metafísico**. Juiz de Fora, MG : GARCIA edizioni, 2016.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RORTY, Richard. **A filosofia e o espelho da natureza**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- ROUANET, Sergio P. **Mal-estar na Modernidade**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência**, Porto, Afrontamento, 2000.
- SUCHODOLKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. 4. ed. Lisboa: Horizonte, 1992.
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Tradução: Elia Ferreira Edel. Petrópolis: Vozes, 1994.
- VALE MOLINA, Petterson; CAIXETA, Daniel Andrade. **“Fronteiras planetárias” e limites ao crescimento: algumas implicações de política econômica**. Disponível em: <http://www.ecoeco.org.br/conteudo/publicacoes/encontros/ix_en/GT5-112-37-20110609175812.pdf>. Outubro de 2011.
- WILSON, Eduard, O. **A criação: como salvar a vida na terra**. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- ZALASIEWICZ, Jan. **Antropoceno: cientistas proclamam que estamos no nascimento de uma nova era geológica**. Disponível em: <<http://www.ecodebate.com.br/2011/06/07/antropoceno-cientistas-proclamam-que-estamos-no-nascimento-de-uma-nova-era-geologica/>>.
- ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **QS: inteligência espiritual**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva Livros, 2012.